

A aventura da palavra na realidade eletrônica

*Lilia Silvestre Chaves**

RESUMO: Em uma época de simultaneidade como a nossa, temos ao alcance a literatura de todos os tempos, e o texto manuscrito, o impresso e o eletrônico coexistem. Com a hipertextualidade eletrônica, surge uma nova maneira de comunicação com o texto e, mais do que nunca, se fala em leitura ativa. Neste trabalho, depois de um rápido olhar para o passado, para a Galáxia de Gutenberg, miramos o futuro, e, para traçar um paralelo entre a cibernética e a literatura, seguimos as “propostas para o próximo milênio”, de Calvino. Enfim, procuramos fazer uma breve reflexão sobre a atuação do autor/leitor, e a possibilidade de uma leitura crítica e criadora dos textos eletrônicos (literários ou não). Ausência de fronteiras, fusão do oral e do escrito, convergência dos papéis de leitor, autor e crítico, aceleração, fragmentação e multilinearidade, virtualização do real e realização do virtual, assim se processa o ler e o escrever na era da Internet.

PALAVRAS-CHAVE: hipertextualidade, leitura, escrita, literatura, Internet.

ABSTRACT: In the era permeated by the simultaneity in which we live in, literature of all ages is at the reach of our hands and hand written, printed and electronic texts coexist. Within the electronic hypertextuality, a new way of interacting with the text appears and, more than ever before, there is the implementation of an active reading process. In this study, after a brief overview of the past, towards Gutenberg Galaxy, we aim at the future, following Calvino's “proposals for the next millennium” in order to build a connection between cybernetics and literature. Finally, we reflect upon the work of the author/reader and the possibility of the emergence of a critical reading

* Universidade Federal do Pará (UFPA).

which creates electronic texts (literary or not). The process of reading and writing in the age of the internet develops in an environment that comprises the absence of borders; the fusion of oral and written language; the convergence of the roles of reader, author and critic; acceleration, fragmentation and multilinearity; virtualization of the real and actualization of the virtual.

KEYWORDS: hypertextuality, reading, writing, literature, Internet.

*Si ce sont les plumes qui font le plumage,
ce n'est pas la colle qui fait le collage.*

Max Ernst

Lost

Desde a última década do século XX, testemunhamos o surgimento e a evolução de um novo universo, criado a partir do nada e situado em lugar nenhum, o ciberespaço. Vivemos, então, em uma nova era – a era da Internet –, em que o espaço cibernético é uma versão digital do nosso mundo e soma-se a ele, aumentando o espaço que temos para viver e interferindo no tempo nosso de cada vida e na nossa própria noção de identidade. Encontramos morada em um novo *além* – um entre-lugar ou espaço intermédio –, segundo o antropólogo indiano Homi Bhabha (1998). Para ele, colocar a questão da cultura na esfera do *além* é o tropo dos nossos tempos. Residir no *além* é ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao passado e ao presente “para redescrever nossa contemporaneidade cultural, e tocar o futuro em seu lado de cá. Então, o intermédio ‘além’ torna-se um espaço de intervenção no aqui e no agora” (Bhabha, 1998, p. 27): a Internet é esse lugar além.

Pensando nesse universo virtual, lembrei-me daquela série de televisão – Lost –, na qual, depois de um acidente de avião, os sobreviventes ficam exilados em uma ilha situada em nenhum lugar. Uma ilha que parece ter vida

própria, onde os protagonistas se encontram consigo mesmos, revisitam o passado, são visitados por seus próprios fantasmas e, fora do contexto em que viviam, são obrigados a reaprender a viver naquele lugar totalmente novo para eles, o que os obriga a repensar suas vidas. Acabam, na verdade, por se reinventar e, de acordo com sua personalidade e a lembrança de um passado, revelam o que têm de melhor ou de pior.¹ Como os personagens da série, ao entrarmos na virtualidade do ciberespaço, precisamos aprender a procurar e a escolher nossos rumos, e, de acordo com o ambiente visitado, podemos experimentar a tentação de reinventar ou mesmo de revelar o que de mais profundo existe em nossa alma, ou, em outras palavras, parodiando um poeta do século XIX, a tentação de *mettre notre coeur à nu*, desnudar nosso coração.

Embrenhar-se nas histórias contadas em livros ou filmes ou perder-se nos abismos dos portais que se abrem na tela de um computador conectado à Internet – apesar de se estar concretamente confortável na segurança das poltronas – não deixa de ser uma grande aventura. Vejamos o significado dessa palavra (posso procurar nas páginas do dicionário ou simplesmente abrir o Houaiss eletrônico instalado na máquina):

aventura – s.f. [Do lat. *adventura*, ‘coisas que estão por vir’.]

1 circunstância ou lance acidental, inesperado; peripécia, incidente, Ex.: as a[venturas] de um andarilho.

2 empresa de desfecho incerto, que incorre em risco, em perigo. Ex.: percorrer as montanhas do Nepal foi uma grande a[ventura].

3 conjunto de fatores que determinam um acontecimento ou um fim qualquer; contingência, eventualidade. Ex.: são a[venturas] da sorte

4 relacionamento amoroso passageiro.

Todas as acepções da palavra “aventura” que colei

¹ A série *Lost* foi criada por Jeffrey Lieber, J. J. Abrams e Damon Lindelof e teve seis temporadas, de 2004 a 2010. Misturando o sobrenatural à *science fiction*, *Lost* conta o drama de sobreviventes de um desastre de avião. A história passa-se em uma ilha tropical misteriosa, com cenas em outros lugares da vida de cada um dos personagens.

podem, de uma forma ou de outra, estar ligadas ao percurso pelos hipertextos (talvez eu devesse dizer hipermídia) do ciberespaço. A expressão usada por Pascal² para o texto impresso define muito bem o hipertexto – *mot lancé à l'aventure* [palavra lançada à aventura] – e, quando a colamos aqui, neste outro contexto, pretendemos mostrar a necessidade atual de embarcar junto com a palavra, na aventura do leitor-escritor diante da multiplicidade de percursos possíveis e na confluência da leitura com a escrita.

No início da aventura virtual, quando ligamos o computador à tomada e acionamos o botão da partida, parecem sempre longos os segundos que as imagens levam para começar a aparecer na tela. Aqueles que já experimentaram a sensação da navegação *on-line* sempre sentem certa ansiedade ao fazer a conexão com a Internet: a mesma ansiedade que antecede as viagens e que antecede a leitura de um livro. Depois, tomam o timão e o leme e, com o *mouse* em punho, lançam-se nesse mundo flutuante, que sempre oferece novos e misteriosos caminhos, novos e labirínticos textos. A metáfora da viagem, na Internet, não foi criada ao acaso. A palavra grega *kubernétikê*, que inspirou *cybernetics* (introduzida no inglês em 1948,³ e depois aceita por todas as línguas de cultura), significa ‘arte de pilotar, arte de governar’.

Seguindo o vocabulário da navegação, a língua portuguesa (como todas as outras) também criou seus neologismos: ciberespaço, cibernauta, cibercafé, ciberpirata, cibernamoro, cibersexo, ciberliteratura, ciberpoesia. *Ciber*, o prefixo, é mais que piloto, é aquele que governa a direção do vento e, mais ainda, aquele que é o próprio vento (pensemos em naves à vela) – no que diz respeito à literatura, aquele que escolhe a leitura, sua rota, sua interpretação. Nem sempre o itinerário já está definido, o navegante da Internet (o internauta, de Internet + nauta – marujo, “usuário interativo da rede internacional Internet”) pode seguir muito mais direções do que as apontadas pela rosa dos ventos. Isso porque a

² É Alckmar Luiz dos Santos (199-) que utiliza essa expressão de Pascal para mostrar que, no que concerne ao hipertexto, “há uma indeterminação ainda maior do eventual percurso exegético que se queira seguir, devido principalmente à confluência das instâncias de produção e interpretação”.

³ Pelo matemático norte-americano Norbert Wiener (1894-1964). Cibernética: ciência que tem por objeto o estudo comparativo dos sistemas e mecanismos de controle automático, regulação e comunicação nos seres vivos e nas máquinas.

trama dos caminhos virtuais é tecida em forma reticular, em forma de teia, a larga, imensa teia do universo. O *Word Wide Web*, ou simplesmente *Web*, é um sistema hipertextual público. Aberto a todos. A Internet é uma rede interligada aos quatro cantos do mundo. Esses “quatro” cantos do mundo passam a acessar, no domínio virtual, infinitos cantos do mundo digital.

Esse espaço sem fronteiras existe virtualmente para ser descoberto e explorado e, na aventura da palavra, constitui-se de possibilidades. O possível, para o filósofo francês Pierre Lévy (1995), que por sua vez cita Deleuze, é aquilo que existe em potência, exatamente igual ao real, só lhe falta a existência. A palavra “virtual” vem do latim medieval *virtualis*, derivado de *virtus*, potência, força. O conceito de virtualidade é muito antigo. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. Como o que é virtual tende a se atualizar, para a filosofia, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são somente duas maneiras de ser diferentes. Ainda segundo Lévy (1995), o virtual é um modo de ser fecundo e potente, que alimenta o jogo nos processos de criação, abre futuros, cava poços de sentido nos terrenos planos da presença física imediata. O real, o possível, o atual e o virtual são complementares. Além disso, a virtualização é uma dessubstancialização que se inclina para a desterritorialização. As noções de tempo e de espaço, na Internet, chegam ao máximo da imaginação: como se fosse possível estar ao mesmo tempo fora e dentro da máquina – perdendo-se a matéria corporal (dessubstancialização, sem substância) e entrando-se em um espaço fora do espaço (desterritorialização). A virtualização é o que possibilita o provimento de dados do ciberespaço. Para se disponibilizar na Internet – e consequentemente dentro do ciberespaço – uma pintura qualquer, é necessário tornar a imagem virtual, ou seja, uma representação digital daquilo que seria um objeto da realidade. A pintura se dessubstancializa, mas mantém

potencialidades suficientes para a imagem ser entendida como originária de uma pintura.

Não são somente imagens que podem ser “virtualizadas”, textos que contêm informações, também. O ciberespaço é constituído de fluxos de informações. Pertencendo a todos e a ninguém, o ciberespaço permite uma visão simultânea do mundo e inscreve todos os que estão conectados no que alguns teóricos convencionaram chamar “o tempo real da emissão e da recepção”. Imaginem-se instalados diante de uma tela luminosa, lendo e escrevendo um texto, interagindo com outras pessoas que, em suas casas, têm, diante dos olhos, uma tela parecida. Atrás desse cristal líquido, através da máquina, abre-se, ao alcance de todos, um espaço mágico, dinâmico e vivo, inconcebível em qualquer outro lugar. Há quem considere que, na Internet (e aqui me aproprio de uma expressão nietzscheana), o homem se sente como um Prometeu liberado, livre das amarras da individualidade (da aparência? do corpo?) e movido por uma liberdade poderosa e ilimitada (e, por isso mesmo, perigosa).

Depois da primeira etapa da viagem (a conexão com a rede), é possível aventurar-se em lugares virtuais, visitar museus, bibliotecas, jornais, webzines, *sites*, *blogs*, *e-books* – os visitantes do espaço cibernético passam a fazer parte desse espaço, mas, como não perdem as suas características humanas, gostam de se encontrar, de fazer amizades, de criar comunidades virtuais, de conversar. O trânsito pelos espaços virtual e real pode ser explicado como uma passagem sucessiva do interior ao exterior, do eu ao outro, do privado ao público e vice-versa, em uma continuidade que pode ser comparada ao efeito sugerido pela fita de Moebius.⁴ Tudo é contínuo, ubíquo, sincrônico. Entramos na máquina e a tecnologia passa a fazer parte de nós. Essa relação homem/máquina vai além da já antiga ficção dos robôs, por exemplo. O computador nos transporta sem que saíamos de onde estamos. Tornamo-nos virtuais.

⁴ A fita de Moebius (August Ferdinand Möbius (1790-1868), matemático alemão) só tem uma face. É um circuito fechado, que possui um retorno que faz com que a figura tenha a propriedade matematicamente estranha de não ter mais do que uma única face e que passa do interior para o exterior do circuito (percorremos integralmente todas as faces sem descontinuidade – é um processo contínuo).

A galáxia de Gutenberg

Se queres prever o futuro, estuda o passado.

Confúcio

Dissemos que a Internet é um lugar além. Não podemos esquecer, entretanto, que todo além contém em si um aquém, um antes. Descrever a época em que vivemos, estudar sua produção artística e sua vivência cultural, é também – e não menos importante – retornar ao presente, para olhar de uma nova maneira o que se fez no passado e, entre outras possibilidades, para poder intervir, por exemplo, na forma de ler um texto tradicional, reinventá-lo, recriá-lo, de maneira a dar continuidade à sua recepção, na direção de horizontes sempre novos. Hoje, repetindo para aprender e criando para renovar, podemos dizer que o passado – lugar “aquém” desta era da Internet em que mundo e cibernundo coexistem – retorna e se transforma em futuro, na encruzilhada de tempos em que vivemos.

A história do livro da leitura e da escrita, da literatura e de suas relações já viu outras revoluções antes que o texto eletrônico viesse se refletir em nossos olhos de leitores. A primeira tentação, segundo Roger Chartier – em sua *Aventura do livro: do leitor ao navegador* –, é comparar a revolução eletrônica com a de Gutenberg. No entanto, a transformação do livro manuscrito em impresso não foi tão radical: ambos eram objetos palpáveis e baseavam-se nas mesmas estruturas e formatos (o códex, o caderno, o sistema de páginas, a distribuição do texto).

Há, portanto, uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso, embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra. Com Gutenberg, a prensa, os tipógrafos, a oficina, todo um mundo antigo teria desaparecido bruscamente. Na realidade, o escrito copiado à mão sobreviveu à invenção de Gutenberg, até o século XVIII, e mesmo o XIX (CHARTIER, 1999, p. 9).

Por muito tempo, ainda persistiu a suspeita de que o impresso rompia a cumplicidade entre o autor e seus leitores e corrompia os textos com suas frias mãos mecânicas e comerciais. Essa crítica aos primeiros livros impressos também é feita aos livros digitalizados, aos textos eletrônicos, cuja leitura se faz na tela de um computador. Nessa nova revolução, o livro-objeto, de papel (que sempre existirá), passou a dividir seu império com algo que não é mais manuseado, que se inscreve em uma tela.

No seu livro *A galáxia de Gutenberg*, Marshall McLuhan,⁵ que, entre outras coisas era professor de literatura, analisa o aparecimento da escrita e da tipografia. Com a escrita, há uma transição da cultura tribal, fechada e estável para o aparecimento do homem alfabetizado, individualizado, vivendo na instabilidade das sociedades modernas. Segundo McLuhan, nacionalismo, industrialização e mercados de massa são resultados da extensão tipográfica do homem.

McLuhan distinguiu três etapas na evolução da humanidade. A primeira fase corresponde à civilização oral, dos povos anteriores ao advento da escrita, que se comunicam pela palavra falada e pelos gestos; marcada pela presença e pelo vivido, nela predomina a consciência mítica. A segunda fase surge com a escrita, de início, timidamente, restrita a pequenos grupos. O advento da escrita produz o distanciamento necessário para a reflexão e a consciência crítica. A grande explosão da escrita se dá no século XV, com a invenção da tipografia e a evolução da imprensa, que tornam mais intensa a difusão do texto escrito. Inicia-se aí a chamada “galáxia de Gutenberg”. A terceira fase surge no século XX, com o surgimento dos meios de comunicação como o rádio, o cinema, a TV. O marco fundador da nova galáxia da informação é a criação do telégrafo sem fio, mais conhecido como rádio, em 1896, pelo italiano Guglielmo Marconi.⁶

Mesmo após a invenção da imprensa, os livros nunca foram a única maneira de obter-se informação.

⁵ Herbert Marshall McLuhan (1911-1980) foi um filósofo e educador canadense. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.

⁶ Marquês Guglielmo Marconi (1874-1937), físico e inventor italiano, considerado o pai da comunicação a longa distância a radio (ondas curtas). Inventou, em 1896, o telégrafo sem fio, mais conhecido como rádio. A telegrafia foi inventada, em 1839, por Samuel Morse, nascido em 1791, nos Estados Unidos.

Havia pinturas, imagens populares impressas, instrução oral, e por aí vai. Pode-se, porém, dizer que os livros foram, de algum jeito, o instrumento mais importante na transmissão de informação científica, incluindo notícias de eventos históricos – e, por isso, sempre foram mais usados nas escolas. Mas, com as *mass media*, do cinema à televisão, alguma coisa mudou.

Ainda nos anos 60 do século XX, McLuhan anunciou que a maneira linear de pensar, instaurada pela invenção da imprensa, estava para ser substituída por uma forma mais global de percepção e compreensão através de imagens de TV ou outros tipos de dispositivos eletrônicos. Cada nova tecnologia cria um meio visto em si como corrompido e degradante, mas que transforma seu predecessor em forma de arte. Os meios se sucedem uns aos outros tão velozmente que um meio nos torna conscientes do seguinte, e, assim, começam a representar o papel que antes era da arte: o de nos tornar conscientes das consequências psíquicas e sociais da tecnologia, ajudando-nos a formar nossa percepção e nosso julgamento. A ideia de que “a mensagem é o meio”, proposta por McLuhan (1968, p. 21), significa que o essencial não reside no conteúdo transmitido, mas no meio que o transmite; a maneira pela qual percebemos a informação é transformada pela mídia que o divulga. Mas talvez a mais importante conclusão a que chegamos com o escritor canadense é a de que cada nova tecnologia, à medida que a aceitamos e experimentamos, torna-se um prolongamento de nós mesmos e interfere na nossa vida. Hoje o mundo em que vivemos é configurado eletronicamente, e a máquina, transformando a linguagem, mudou as relações que temos conosco e com os outros. Os meios de comunicação interferem nas sensações humanas – daí o conceito de “meios de comunicação como extensões do homem” (título de uma de suas obras), ou “prótese técnica”.

Na sua conferência *Da Internet a Gutenberg*, em 1996, Umberto Eco também volta seu olhar para o passado,

comentando que a mídia começou a celebrar o declínio da escrita e o poder da imagem – na TV – justamente no momento em que, na cena mundial, surgia o computador. Mesmo sendo um instrumento por meio do qual se podem produzir e editar imagens, o computador é, antes de mais nada, um instrumento alfabético:

Em sua tela rolam palavras, linhas e, para usar um computador, você deve ser capaz de escrever e ler. A nova geração é treinada para ler em uma velocidade incrível [...]. Nesse sentido pode-se dizer que o computador nos faz retornar à Galáxia de Gutenberg. [...]

O computador trouxe hipertextos. Em um livro tem-se que ler da esquerda para a direita (ou da direita para a esquerda, ou de cima para baixo, de acordo com diferentes culturas) em uma forma linear. Podem-se saltar páginas, pode-se – já alcançada a página 300 – voltar para checar ou reler algo na página 10 – porém isso implica trabalho, digo, trabalho físico. Ao contrário, um hipertexto é uma rede multidimensional onde cada ponto ou nó pode, potencialmente, ligar-se a outro (ECO, 1996).

Literatura e cibernética

Na direção apontada pela etimologia da palavra “tecnologia” – do grego *tekhologia*, ‘tratado ou dissertação sobre uma arte’ –, formada dos radicais gregos ‘tekhno’ (de *tékhné*, ‘arte’, ‘indústria’ ou ‘ciência’) e ‘logía’ (de *logos*, ‘linguagem’), e com a intenção de fazer um paralelo entre a cibernética e a literatura, sigo daqui por diante o rastro deixado por Italo Calvino, que, em 1985, foi convidado para um ciclo de seis conferências ao longo do ano acadêmico, na Universidade de Harvard.⁷ Segundo ele, o milênio que acabava tinha visto o surgimento e a expansão das línguas ocidentais modernas e das respectivas literaturas, que exploraram suas possibilidades expressivas, cognoscitivas e imaginativas. Foi o milênio

⁷ Italo Calvino morreu antes de escrever a sexta conferência – que, idealizada, mas não escrita, intitular-se-ia “Consistência” –, e antes de partir para Harvard, onde iria participar das Charles Eliot Norton Lectures entre 1985 e 1986. Suas conferências, traduzidas para o inglês, foram publicadas em 1988, pela Harvard University Press, com o título *Six Memos for the Next Millennium*. A edição brasileira que uso aqui é de 1990.

do livro, na medida em que vimos o objeto-livro tomar a forma que nos é familiar. Questionando-se sobre o destino da literatura e do livro, na era tecnológica dita pós-industrial, o escritor italiano (talvez eu devesse dizer cubano) conclui que há coisas que só a literatura, com seus meios específicos, pode proporcionar ao homem. Assim, ao selecionar, em um esquema incrivelmente simples, a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade e a multiplicidade (valores que considerava caros na literatura), Calvino, de certa forma, previu o destino da literatura e do livro no milênio seguinte. O universo infinito da literatura (às vezes usando de atalhos muito antigos) sempre abriu caminhos novíssimos, mas, “se a literatura não basta para [nos] assegurar que não [estamos] apenas perseguindo sonhos” (CALVINO, 1990, p. 20), devemos nos voltar para a ciência: ambas (literatura e ciência) nos oferecem percursos que podem mudar nossa imagem do mundo.

Como escritor de ficção, Calvino (1990) buscava, em primeiro lugar, a **leveza**, tirando peso “ora às figuras humanas, ora aos corpos celestes, ora às cidades” e, principalmente, “à estrutura da narrativa e da linguagem”. Para ele, às vezes, o mundo inteiro, a vida parecia petrificar-se “como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa” (CALVINO, 1990, p. 16). Mas Perseu, herói que voa com sandálias aladas pelo vento e pelas nuvens, é capaz de cortar a cabeça da Medusa sem ser transformado em pedra, utilizando um espelho para não olhar diretamente para a Górgona. É nessa recusa da visão direta que se encontra a força de Perseu e não na recusa da realidade do mundo em que vivia, realidade que traz consigo e que assume. Cada vez que o reino do humano parece condenado ao peso, uma tecnologia surge para se tornar parte de nós mesmos e nos trazer a faculdade de nos transportar para outro espaço.⁸ Nessa concepção, a “leveza” pela virtualização seria uma espécie de evasão através da máquina e, certamente, é liberdade. A viagem imaginária provocada pelo livro repete-se de

⁸ O telefone, rádio, televisão, o livro impresso?

maneira ainda mais real no espaço eletrônico. Ao lado das metáforas literárias sobre a leveza, Calvino alude ainda ao poder da levíssima imagem do *software* e dos *bits* sem peso, reatando-a a um fio muito antigo na história da poesia: os poemas enciclopédicos *De rerum natura*, de Lucrécio, e *Metamorfoses*, de Ovídio. O ideal de tudo abranger também é alvo do continente da *Web*.

A **rapidez**, segunda proposta de Calvino para a literatura futura, hoje se revela, também, na *world wide web*. O tempo do texto eletrônico joga com tensões de diferentes passados e futuros e mesmo com a de entretempo – um tempo intermédio –, aspirando a um público universal que pode partilhar inclusive a crítica dos discursos trocados. A comunicação a distância – livre e imediata – que a rede autoriza traz a nova modalidade de constituição e de comunicação do conhecimento, conforme a expressão de Roger Chartier (2001), em sua conferência *on-line* sobre leitores e leituras. A maneira de escrever transforma-se, e assim a escrita, a leitura e a crítica literárias. Extremamente rápido com seus pés alados, mensageiro entre deuses e homens, que melhor patrono para a era da máquina do que Hermes-Mercúrio? Na vida prática, o tempo, diz Calvino, é uma riqueza de que somos avaros, mas na literatura, pode-se dispor dele com generosidade. O contrário é verdadeiro: há certo prazer na lentidão. As digressões, divagações e citações, que atravessam a rapidez do discurso, equivalem às retículas formadas pelas referências internas do hipertexto⁹ eletrônico.

A relatividade do tempo confunde-se com o percurso labiríntico. Mais do que uma prática tecnológica, o hipertexto é uma prática cultural. Liames podem ser estabelecidos entre livros diferentes ou entre trechos do mesmo livro. Atualmente, os liames são chamados de *links*¹⁰ no hipertexto da *web*.

A hipertextualidade absorveu a noção de intertextualidade. Na história do livro (do Ocidente), São Tomás de Aquino, em sua *Summa*, teria sido o

⁹ O prefixo hiper (do grego “υπερ-”, sobre, além) remete à superação das limitações da linearidade, ou seja, não sequencial do antigo texto escrito, possibilitando a representação do nosso pensamento, bem como um processo de produção e colaboração entre as pessoas, ou seja, uma (re) construção coletiva. O termo hipertexto, cunhado em 1965, costumeiramente é usado onde o termo hipermídia seria mais apropriado. O filósofo e sociólogo estadunidense Ted Nelson, pioneiro da tecnologia da informação e criador de ambos os termos escreveu: “Atualmente a palavra hipertexto tem sido em geral aceita para textos ramificados e responsivos, mas muito menos usada é a palavra correspondente ‘hipermídia’, que significa ramificações complexas e gráficos, filmes e sons responsivos – assim como texto”. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>>.

¹⁰ O conceito de “linkar” ou de “ligar” textos também foi criado por Ted Nelson, influenciado pelo conceito de “lexia” (ligação de textos com outros textos) desenvolvido por Roland Barthes no livro *S/Z*.

primeiro, ao invocar o testemunho de autores sob a forma de citações, estabelecendo ligações entre os vários livros citados, recortando ideias, interpretando, dialogando com eles, a sugerir aos seus leitores *links* para outras leituras. Na literatura, escritores utilizaram a hipertextualidade, criando diálogos intencionais com o leitor, advertindo-os do seu *status* de papel, de ficção, de jogo. Posso aqui também fazer *links* (*off-line*) com obras como *Don Quixote*, de Cervantes, *Tristram Shandy*, de Laurence Sterne, *Jacques, le Fataliste*, de Diderot, *Bouvard et Pécuchet*, de Flaubert, *Les Caves du Vatican*, de André Gide, *O jogo da amarelinha*, de Julio Cortázar, entre outros (sem falar nos dicionários e enciclopédias), obras labirínticas que embaralham a ordem da leitura, e em que os autores se intrometem na narrativa para incitar os leitores a um vaivém semelhante ao do hipertexto do ciberespaço. São textos que incluem outros textos, provocando, no universo dos livros de papel, a vertigem da *mise-en-abyme* da hipertextualidade virtual. O fio que interliga essas obras vai se estender até a rede da textualidade eletrônica, com seus *hiperlinks*, com seus jogos virtuais, que nos inspiram o voo e a evasão. A fascinação que sentimos quando ouvimos histórias nos transporta instantaneamente para mundos reais ou imaginados. Em uma narrativa há sempre um objeto mágico. Calvino cita, entre outras histórias, a de Sheherazade, que, com suas mágicas palavras soube salvar sua vida a cada noite, encadeando histórias curtas umas nas outras, interrompendo-as no momento exato: duas operações sobre a fragmentação do discurso, sobre a continuidade e a descontinuidade do tempo. Que antiga é a ideia de hipertextualidade! Também a máquina e as palavras no ambiente virtual são mágicas na relação com a realidade e com a vida (interior e exterior) de cada um de nós. Talvez seja tudo um segredo de ritmo e uma forma de capturar o tempo, tanto na ilha dos naufragos de *Lost* e nas mil e uma noites orientais, quanto na vertiginosa aventura da era eletrônica, todos nós podemos participar.

No labirinto eletrônico, perdendo-nos é que encontramos:

[O hipertexto] é uma armadilha. Uma chegada a uma velha estação (sua página inicial = home), que lhe sugere um retorno, a sensação de uma recuperação do tempo e dos lugares perdidos (todos aqueles que você sabe que existem na net e [a que] nunca vai dar conta de ir), ou se uma ebulição de cores e sons ([nas] pages com recursos sonoros) que lhe causa a sensação de que está vivo hoje [na contemporaneidade digital] (PIMENTEL, 2005).

Todas as propriedades do hipertexto – a virtualidade, a não linearidade, a não delimitação (na ideia de infinitude), a fragmentação – foram experimentadas separadamente pelos autores, ao longo da história da literatura. Na escrita hipertextual do ciberespaço, essas características são inseparáveis, acrescentando-se a elas a multissemiose e a interatividade. A literatura hipertextual é, portanto, uma nova forma de ficção, interativa, cibertextual, hipertextual: uma hiperficção.¹¹

Os poetas e teóricos ainda estão à procura de um termo para definir a infinita possibilidade dos textos criados em computador. Para os conceitos da informática no uso da linguagem e a criação e edição poética no início do século XXI, não há, e nem pode haver, nenhuma exatidão. Cada nome, cada etiqueta corresponde a apalpadelas, a procedimentos muito diferentes e sempre empíricos, e algumas vezes acompanhados (mas não sempre) de um esforço de reflexão teórica, técnica e estética:

Foi no início de 1995 que a rede de telecomunicações Internet começou a se desenvolver de maneira vertiginosa; foi então que, na «net», na «tela» ou na «web», apareceram formas de poesia ainda desconhecidas: a «ciberpoesia», a «cyber-Art», a «e-poesia», a «web-poesia», a «web-Art», a «mail-Art», a «mail-poesia», e mil outras variantes de poesia, «digital», «numérica», «tecnológica», «eletrônica», «multimídia», «hipermídia», «hipertextual», «interativa», «sintética», «gerada», «animada» (VUILLEMIN, 2004).

¹¹ A hiperficção mescla as características hipertextuais da escrita com as da cultura digital. A primeira obra de hiperficção foi *Afternoon, a story* (1987), de Michael Joyce. No Brasil, ainda são poucos os sites de hiperficção, ao contrário dos exemplos em inglês. A primeira hiperficção em português na Web, segundo seus autores, é *Tristessa*, disponibilizado pelo grupo desde 1996 no endereço <<http://www.quattro.com.br/tristessa/>>.

Na terceira conferência, Calvino fala da **exatidão**. Registra, então, o seu repúdio contra a linguagem oral usada de modo aproximativo, casual, descuidado, esse “flagelo linguístico”, cuja origem pode estar “na política, na ideologia, na uniformidade burocrática, na homogeneização dos meios de massa ou na difusão acadêmica de uma cultura média” (p. 72). Essa inconsistência não está somente nas palavras e nas imagens das mídias, ela existe no mundo todo. Só a literatura parece estar a salvo desse vírus. Talvez a intolerância de Calvino aumentasse diante da nova linguagem híbrida, falada-escrita, da rede, ou, ao contrário, talvez até o incomodasse menos, pela criatividade e pela espontaneidade com que os jovens a utilizam em salas de bate-papo ou em conversas *on-line* nas redes sociais.¹² Também em *e-mails* ou em listas de discussão, encontramos textos mais próximos da modalidade escrita, ao lado de pedidos, comentários coloquiais, desculpas, brincadeiras, elogios etc., que se aproximam da modalidade oral pura: mais do que as diferenças formais, são as circunstâncias de produção e uso que determinam as semelhanças e as dessemelhanças entre as duas modalidades e a seleção de uma delas, por parte do falante/escritor, no momento da interação (ALVES, 2001).

¹² A linguagem desse texto oral-verbal apresenta erros de digitação, abreviações ou reduções de palavras (como ocorre na fala = “tá”, “cê”, “bora”, “aki”); duplicação de letras, abuso dos sinais de pontuação, uso de maiúsculas para indicar atitudes, emoções, sentimentos, entonações específicas, gritos ou sussurros [oi!!!!!!!!!!], [adooooooooo!], [Você TEM de escrever!!] [PRESTA ATENÇÃO] [Vcs são D+!!!]; frases curtas – para o efeito “ping-pong”; uso de minúsculas depois de ponto e no início do texto; uso de emoticons ;-)).

Para explicar sua quarta proposta – a **visibilidade** –, Calvino cita um verso de Dante, *Poi piove dentro a l'alta fantasia* [Pois chove dentro da alta fantasia] e explica: “a fantasia, o sonho, a imaginação são lugares dentro dos quais chove” (CALVINO, 1990, p. 97), e o poeta compreende que as imagens chovem do céu e são enviadas por Deus. O lado visual da fantasia nada mais é do que a chamada imaginação verbal e o processo da leitura parte da palavra para chegar à imagem. Somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens pela mídia, que cabe repetirmos a pergunta feita por Calvino em um contexto semelhante: na civilização da imagem, corre-se o perigo de perder a imaginação? Tanto a exatidão – no que diz respeito à palavra –, quanto a visibilidade – no que diz

respeito à imagem – encontram no ciberespaço, como reflexo do mundo real, o que existe de melhor e de pior, ou seja, para repetir a metáfora de Dante, trazem em si tudo o que existe de inferno e de paraíso e, graças ao poeta, passam pela purificação no purgatório. Se o divino manda a chuva para fertilizar nossa fantasia, é preciso aplicar o que Calvino chama de “pedagogia da imaginação” para – com o mundo do ciberespaço – não perdermos o hábito de controlar a nossa própria visão interior, sem sufocá-la e sem “deixá-la cair num confuso e passageiro fantasiar” (CALVINO, 1990, p. 108)?

O ciberespaço não alcança a civilização ideal que Aldous Huxley idealizou, em 1931, no seu *Admirável mundo novo*. Nem se assemelha ao mundo descrito por Thomas More, na sua *Utopia*¹³ (1516), local onde se encontraria a sociedade ideal e, sendo ideal, inalcançável. Para More, a maioria das necessidades coletivas baseia-se em uma filosofia do prazer. Todo cidadão de Utopia busca a felicidade e o prazer. Entretanto, seu autor entendeu como dialética a relação entre igualdade e liberdade e optou pela igualdade. Não participávamos como leitores dos mundos de Huxley e de More como participamos agora do mundo da Internet. A máquina nos leva, metaforicamente, para dentro dela, para um espaço novo em que igualdade e liberdade são possíveis (será que ainda utopicamente?): dentro do mundo virtual somos reais e, através da imaginação, participamos de uma obra de ficção. Nossa transformação em “seres virtuais” transgride a ordem natural da própria virtualidade.

Em certos ambientes virtuais, a interação traduzida por uma espécie de *escrileitura*¹⁴ gerou, na virada do milênio, algo mais profundo do que a viagem que a leitura nas páginas dos livros impressos provocava na imaginação de alguns leitores. E “não há nenhum mal em nos lembrar de que, cada vez que escolhemos um livro para ler na cama, de noite, abrimos para nós um caminho entre premonições e promessas do inferno” (MANGUEL, 2000, p. 133).

¹³ *De Optimo Reipublicae Statu deque Nova Insula Utopia* [Sobre o melhor estado de uma república e sobre a nova ilha Utopia] ou simplesmente Utopia. A palavra utopia (que vem do grego, *ou-topos*: lugar nenhum) tornou-se sinônimo de projeto irrealizável, fantasia, delírio, quimera, lugar que não existe.

¹⁴ Pelo matemático norte-americano Norbert Wiener (1894-1964). Cibernética: ciência que tem por objeto o estudo comparativo dos sistemas e mecanismos de controle automático, regulação e comunicação nos seres vivos e nas máquinas.

O quinto tema é a **multiplicidade**. Calvino foi, realmente, um profeta dos tempos pós-modernos, tanto da *world wide web*, quanto do romance impresso contemporâneo: verdadeiras enciclopédias abertas do mundo fragmentário atual. Os temas de suas propostas interligam-se, entrecruzam-se. Nessa quinta proposta, o autor cita novamente os poemas de Lucrécio e de Ovídio, e o modelo de um sistema de infinitas relações de tudo com tudo, que se encontra naqueles dois livros tão diferentes um do outro. Para ele, a literatura é um espaço que permite ver o mundo.

Também os recursos tecnológicos oferecem tempos múltiplos, ramificados, divergentes, convergentes e paralelos. Na rede, as ideias nem sempre evoluem linearmente, o processo de ligação consiste numa série de vozes individuais em conversa interminável, unidas por uma teia a um só tempo de relação e de conflito. Talvez seja o fenômeno da globalização do tempo (conhecer tudo mais depressa, conhecer tudo imediatamente) a principal característica da rede, junto com a ilusão da união dos espaços: é ela que nos dá a ilusão de que a distância não existe.

Em suas conferências,¹⁵ Italo Calvino recria a fascinação própria dos textos literários, como um leitor-autor que tem o condão da palavra para interpretar, comentar e profetizar (não seria esse o ideal do crítico de arte?), em um texto estonteante, com miríades de *links*, uma delicada e imensa teia hipertextual, que nos conduzem a leituras para todo o tempo que ainda temos de viver.

Era da Internet

Internet, c'est la dictature de l'instant et l'attente infinie de la nouveauté. Dans ce contexte, comment la littérature, qui est aux antipodes de ces préoccupations, pourrait-elle exister?

Samuel Dixneuf¹⁶

¹⁵ Dissemos que Calvino faleceu antes de escrever a sexta conferência que estava prevista. Quem o fez, algum tempo depois e por sua própria conta, foi o escritor argentino Ricardo Piglia, que elege o deslocamento como estratégia discursiva e ideológica para tentar enfrentar a crise da literatura no mundo contemporâneo. A proposta de Piglia está disponível em: <<http://www.chaodafeira.com/wp-content/uploads/2012/05/uma-proposta.pdf>>.

¹⁶ Tradução: "Internet é a ditadura do instante e a espera infinita da novidade. Nesse contexto, como a literatura, que está nos antípodas dessas preocupações, poderia existir?".

Para falar de Era da Internet, é preciso ficar bem claro que na época em que nós vivemos existe de tudo, a “aldeia global” expandiu-se para o mundo inteiro propriamente dito e, mais, passamos a ter o que comumente chamamos de “mundo real” e “mundo virtual”. No que diz respeito à literatura, a atual galáxia – como a chamaremos? – abrange tudo o que se fez no passado e, no presente, aquilo que se cria literariamente dentro e fora da máquina – textos e e-textos... Na fusão de dois mundos, desconstroem-se as dimensões essenciais da realidade (como tempo e espaço), e a multiplicidade dos processos funde-se em um único processo, em tempo real, no planeta inteiro. Tornamo-nos, ao mesmo tempo, leitores, autores e até editores, apropriamo-nos do novo meio e redefinimos a textualidade que surge em uma espécie de *continuum* coletivo, que vai do tradicional a um novíssimo que se transforma a cada momento. Um dos aspectos mais fascinantes da Internet é o fato de ela não ser estanque nem rígida, pelo contrário, é flexível, aberta, descentralizada e multidirecional; a tecnologia pode ser transformada e adaptada a novos contextos e necessidades.

Segundo Chartier (2001), daqui por diante, em vez de lamentarmos a irremediável perda da cultura escrita (ou, ao contrário, exaltarmos sem prudência a nova era da informática), é preciso aceitar a futura coexistência, nem sempre pacífica, entre as duas formas do livro e os três modos de inscrição e de comunicação dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica.

Não se trata mais de fazer uma passagem sem volta de uma galáxia para a outra: continuaremos a utilizar a escrita linear, mas podemos usar um outro tipo de escrita, como o hipertexto, que desvincula a leitura do caráter linear. A mutação tecnológica trazida pelo hipertexto é também uma mutação cultural. Como leitores, somos livres para escolher o percurso da nossa leitura (por meio dos *links* dos hipertextos) – há uma fluência e uma

continuidade no ambiente digital que possibilita ao leitor “embaralhar, entrecruzar, reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica” (CHARTIER, 2001, p. 13) –, somos livres para compartilhar nossos gostos e escolhas (nas diversas semioses), tornamo-nos cúmplices entre nós. O espaço novo da cibernética trouxe a liberdade do leitor. À frieza da máquina sobrepõe-se uma espécie de alma que nada mais é do que a aura das palavras que usamos, etérea o suficiente para ser sentida. Ainda segundo Chartier (2001, p. 13), esses traços (entre outros) indicam que “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas não apenas do suporte material do escrito, como também nas maneiras de ler” e, ainda, eu acrescentaria, nas maneiras de viver. O computador e a Internet tornaram-se realmente um prolongamento do nosso corpo e da nossa mente.

Ao longo de todo o texto deste ensaio, venho repetindo sobre as novas possibilidades da literatura neste novo milênio. A pergunta de Samuel Dixneuf – epígrafe desta segunda parte, sobre a relação literatura e internet –, “se a internet é a ditadura do instante e a espera infinita da novidade, como a literatura, que é o oposto disso poderia existir?”, tem um duplo sentido: o de transformação – “o que acontece com a literatura na época atual?” – e o de espaço – “onde está a literatura, dentro ou fora da internet?”.

Uma das características mais fortes do nosso tempo é a simultaneidade: a idade contemporânea diferencia-se das anteriores pelo ecletismo (tanto no sentido filosófico de “justaposição de teses e argumentos oriundos de doutrinas [...] diversas, formando uma visão de mundo pluralista e multifacetada”, quanto na acepção mais comum de “prática ou disposição de espírito que se caracteriza pela escolha do que parece melhor entre várias doutrinas, métodos ou estilos” (*Houaiss* eletrônico). O século XXI ou, se preferirmos, a era da Internet abrange a leitura e a escrita (tanto no papel, quanto na tela) de textos de todos os tempos, inclusive de antes do surgimento da

web, até para poder olhá-los de maneira nova – com as possibilidades trazidas pelas novas tecnologias.

Nesse misto de *Pasárgada* e de *Nau dos Insensatos* que é a Internet, encontramos uma espécie de biblioteca universal. A Internet aparece como a realização de um sonho muito antigo, o de uma biblioteca que compreenderia virtualmente todo o saber do mundo. Bibliotecas e universidades do mundo todo disponibilizam, *on-line*, grande parte de seus livros antes impressos, alguns em “modo texto”, outros em “modo imagem” (digitados ou escaneados). Do livro digitado ao livro eletrônico, a leitura ganha terreno e torna-se mais e mais criativa. Os *e-books* permitem, inclusive, que o leitor acrescente comentários que serão lidos, depois, por outros leitores, assim como a *Wikipedia*, o infinito dicionário virtual cujos verbetes podem ser aumentados ou transformados por quem quiser. A literatura transita também nos *sites* de escritores já consagrados ou ainda desconhecidos, nos *blogs* (espécie de diários públicos, muitos com tendência literária), nos grupos de discussão através de *e-mails*, e até nos *chats* (salas de bate-papo onde também é possível encontrar um material vivo e imediato, revelador de um novo gênero textual). Pode-se, por um certo prisma, considerar os *chats* como “livros” infinitos, em que autores são também leitores e personagens de outros e de si mesmos. Para reduzir esse efeito perturbador da presença de múltiplos conteúdos textuais sobre um mesmo suporte, a sugestão de considerar o suporte eletrônico como uma biblioteca e não como um livro (ou seja, trocar de metáfora) é bem-vinda.

Do ponto de vista da leitura, cada vez mais importante nos estudos literários e linguísticos, os gêneros permanecem categorias dominantes da recepção. Ao longo dos tempos, as pesquisas sobre o texto centraram-se ora no autor, ora no texto, ora no leitor. A leitura por meio de *hiperlinks*, diferente da leitura no livro, traz uma nova intimidade do leitor com o literário. Há uma espécie de fusão das figuras do autor e do leitor, que trocam de papéis entre si

e apropriam-se, ainda, da função do crítico de literatura. No novo milênio, o diálogo que se estabelece entre texto e leitor adquire a velocidade própria do ciberespaço: com a aceleração e a simultaneidade temporal. Com a fusão dos antigos gêneros e o surgimento de novos, todas as leituras são, em princípio, possíveis, mas a simultaneidade provoca uma união – o novoantigo – e pede novas formas de leitura-crítica. É a era do leitor-autor, e mais, do leitor-autor-ator, pois, em um mundo escrito, é preciso escrever para se comunicar, ler o texto do outro e jogar com esse texto enquanto corpo escrito, para atrair o outro e entrar em comunicação com ele: trazê-lo “às falas”. A leitura que se faz no espaço virtual é mais que “leitura ativa”, é uma “leitura compartilhada”. Em uma socialização virtual, as citações (e o compartilhamento dessas citações) recriam o perfil do escritor que se reinventa apoderando-se dos textos que cita e gera a possibilidade de outros seguirem essa teia. Essa nova maneira de comunicação por meio do texto (seu e de outrem) necessita, nos estudos literários, de uma conceituação atualizada do que pode ser considerado “literário”, do que é autoria (do “fundo” conceito de plágio), do que é, hoje, crítica literária. A leitura crítico-biográfica, como análise e (re) invenção tanto da obra quando da própria vida enquanto texto, como escritura que une o real à ficção, não pode prescindir, no momento atual, dos novos espaços de interatividade, criados pelas comunidades virtuais da cibercultura. Espera-se que a prática da hiperficção ou ciberficção produza um efeito libertador na passagem do modelo clássico da literatura para esse novo modelo *in presentia* que aponta para a convergência da crítica, da teoria e da tecnologia contemporâneas.

A “transdução” – que une tradução, no sentido de interpretação, com o prefixo ‘trans’ – faz passar um texto de uma época a outra, de um domínio de saber a outro, de uma referência a outra, por meio das diferenças, disparidades e mesmo das incompatibilidades que as separam. Como exemplo cito Citton, para quem “ler Diderot de uma

forma literária é conduzir sua palavra através de tudo o que nos separa dele, para permitir que essa palavra nos fale hoje, produza ressonâncias sempre sugestivas no seio de nossas preocupações contemporâneas”.¹⁷

Além disso, introduzir o hábito de uma nova forma de leitura – a reticular, na tela do computador –, ao lado da leitura linear tradicional – nas páginas do livro –, significa orientar ou – por que não? – desorientar o pensamento (a expressão é de Derrida), deixando a liberdade guiar o leitor-pesquisador, incentivando sua autonomia na escolha dos atalhos, na (hiper)pesquisa de temas específicos, ligados à leitura e interpretação, descrição e análise dos gêneros à luz das teorias da Crítica Literária ou dos princípios da Análise do Discurso.

Sempre que se fala sobre texto e, conseqüentemente, sobre autor, a noção de intenção vem à baila e, com ela, a relação de responsabilidade que se atribui ao autor sobre o sentido do texto e sobre a significação da obra. Os novos meios eletrônicos tornam urgente a redefinição do autor, uma vez que este é confrontado com uma enorme variedade de experiências e práticas. Afinal, quem é quem nesse texto infinito que vai e volta (ou não) sem direção certa? A vida escrita vivida no mundo virtual parece fundir o autor do texto com o seu leitor.

“Autor” vem do latim *auctor*, ‘alguém que dá origem ou promove’. Perguntar o que as palavras ou o texto querem dizer não é exatamente a mesma coisa que perguntar o que o autor quis dizer. É necessário definir bem esse “querer dizer”. Em 1968, Roland Barthes aclamava o leitor como todo-poderoso e anunciava a morte do autor. “Quando um fato é contado [...] a voz perde sua origem, o autor entra em sua própria morte, a escrita começa” (BARTHES, 1984, p. 61). O autor cede o seu poder ao leitor. Segundo Barthes, é a linguagem que fala, e a posição de leitura deve ser compreendida como o lugar onde o sentido plural, móvel, instável é reunido e onde o texto, qualquer que seja, adquire sua significação. Um ano depois do ensaio de Barthes,¹⁸ Michel Foucault

¹⁷ No original, *jeu de transduction* (emprestamos a expressão usada pelo pensador suíço Yves Citton, em *La compétence littéraire: apprendre à (dé)jouer la maîtrise*, que por sua vez a empresta do filósofo Gilbert Simondon). Disponível em: <<http://litterature.inrp.fr/litterature/discussions/enseignement-de-la-litterature-12019approche-par-competences-a-t-elle-un-sens>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

¹⁸ Ambos os textos de Barthes e de Foucault só foram publicados postumamente (o de Barthes, em *Le bruissement de la langue*, 1984; o de Foucault, em *Dits et écrits*, 1994).

fazia uma conferência cujo título revelava as mesmas preocupações, *Qu'est-ce qu'un auteur?* [O que é um autor?], na qual reflete, entre outras coisas, sobre o que torna difícil abandonar a função-autor. A noção de autor, diz Foucault, é “o momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também e na das ciências” (1994, p. 792). Entretanto, Foucault parte da fórmula de Beckett, *Qu'importe qui parle, quelqu'un a dit qu'importe qui parle* [Que importa quem fala, alguém disse que importa quem fala], para explicar que, na interpretação de um texto, não se trata de exaltar o gesto de escrever, nem de alfinetar um sujeito em uma linguagem, trata-se de abrir um espaço em que o sujeito que escreve não para de desaparecer. Compara, então, o “parentesco da escrita com a morte” (a perpetuação dos heróis ou mesmo a ideia de afastar a morte – como nas mil e uma noites). A escrita parece estar ligada ao sacrifício, e a obra moderna recebeu “o direito de matar o autor”, ideia fixa da crítica àquela época.

A leitura crítica e criadora dos textos eletrônicos (literários ou não) provoca mais uma reviravolta no mistério da escrita, originando uma reconfiguração do papel do autor, que parece, mais do que nunca, um dos elementos da tríade autor-leitor-personagem reunida em uma única pessoa. O diálogo que se estabelece entre texto e leitor (e isso implica a cadeia histórica de sucessivos leitores de uma obra) adquire a velocidade própria do ciberespaço. Se Roland Barthes (1987), em *O prazer do texto*, repetia que a pessoa civil, passional, biográfica do autor desapareceu, também acrescentava que, no texto, de certa maneira, o leitor deseja o autor. Inversamente, o autor deseja leitores. Atualmente, no lugar de representação ou de projeção, a ideia de colaboração tornou-se mais determinante.

Poderia ser lançada aqui, para uma reflexão futura, a pergunta: se o leitor se identifica com o crítico, qual será o futuro da crítica literária, um fórum *on-line*? De

qualquer forma, a interatividade certamente modificou o relacionamento da crítica com o navegador da Internet. Enquanto existirem textos, existirão autores, leitores e críticos, que se transformam junto com a textualidade. Enveredamos, no espaço virtual, por uma via sem rumo definido: nossa vida abriu-se para uma teia que nos envolveu sem que nos déssemos conta disso. Encontramos dificuldade em definir a textualidade, a abertura textual, a censura, os direitos autorais, o crítico de arte e de literatura, especificamente. Será a literatura cibertextual realmente nova ou apenas um prolongamento lógico da literatura anterior? Parece evidente que a mutação tecnológica trazida pelo hipertexto é também uma mutação cultural. A tecnologia do hipertexto está liberta da antiga opressão das técnicas de reprodução e das instâncias de destinação; esperamos que a prática da hiperficção produza o mesmo efeito libertador, na passagem do modelo clássico da literatura para o novo modelo *in presentia*.

Os estudiosos da cibercultura costumam falar de união. Segundo Alain Finkielkraut (2005), precisamos compreender o sentido histórico da necessidade moderna de uma conciliação entre as duas culturas, a científica e a literária, convergência anunciada por Landwon (1997), no título de seu livro: *Hypertext 2.0. A convergência da crítica, da teoria e da tecnologia contemporâneas*. Calvino (1990, p. 133) termina sua quinta e última conferência dizendo que “entre os valores que gostaria fossem transferidos para o próximo milênio está principalmente este: o de uma literatura que tome para si o gosto da ordem intelectual e da exatidão, a inteligência da poesia juntamente com a da ciência e da filosofia”. Sartre dizia ser a meta do século XXI a conquista da morte e a conquista das estrelas. Eu diria ser a conquista de vidas em novas dimensões em um esplêndido palco constelado de tempos e espaços. Nietzsche exaltava a teia da aranha – e o que dizer da teia-rede tecida no céu de nosso século? Por outro lado, o filósofo de *Assim falava Zaratustra* acreditava que o futuro abria-se para o vazio. Mas que vazio é esse que preenche,

na sua imaterialidade, os mais impossíveis horizontes de desejo do homem moderno?

Que lugar a literatura ocupa na construção/interpretação do novo imaginário surgido com a Internet, essa rede que une situações pessoais vividas com situações pessoais criadas? Um lugar de encontro para os leitores-autores? Uma interface que reconstrói, reinventa as relações entre as pessoas e os textos? Digamos que, em certo sentido, a Internet e a literatura se confundem. A leitura crítica e criadora dos textos eletrônicos (literários ou não), com a viagem do hipertexto, provoca uma reviravolta na história da escrita e reconfigura o papel do autor, mais do que nunca, um dos elementos da tríade (para não dizer trindade – três em uma só pessoa?) autor-leitor-personagem.

As reflexões anteriores acerca do texto e da leitura, no domínio dos estudos, tanto literários quanto linguísticos, dos teóricos e críticos das últimas décadas (Bakhtin, Barthes, Eco, Genette, Iser, Jauss), que já concebiam a leitura ativa e criadora, ainda são perfeitamente válidas na tarefa de compreender e interpretar a criação literária do ciberespaço, mas uma nova leitura crítica talvez precisasse penetrar nos bastidores da “hiperescrita”, no processo criativo oferecido ao escritor (e, posteriormente, ao leitor) pelos recursos da máquina, que permite a inclusão no texto de elementos multilineares, acelerando e fragmentando ainda mais o ato de ler e pondo em jogo, inclusive, a própria noção de gênero literário.

Castells, em seu livro *A sociedade em rede* (1999, p. 395), afirma que o virtual existe na prática e o real existe de fato. A realidade, como é vivida, sempre foi virtual, por ser sempre percebida por símbolos formadores de prática. Para o sociólogo espanhol, o inédito do sistema de comunicação é a construção da virtualidade real em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas

se encontram na tela comunicadora de experiência, mas se transformam na experiência.

Mas a sociedade virtual não existe em um lugar imaginário, em um lugar espiritual, ou em um lugar perdido. Ela existe na virtualidade do ciberespaço – um aqui-agora sem espaço nem tempo. E é possível ir até lá. O que não se pode negar é que essa ideia de “ir até um outro mundo” repousa, como nos dois romances citados (*Admirável mundo novo* e *Utopia*), na esperança de um novo tempo, de uma nova era para o homem (um novo humanismo, talvez). Mas se a civilização cibernética não se revelou como uma civilização melhor, pelo menos não aos olhos comuns, é um novo lugar para experimentar. Um lugar nenhum, uma “ilha” utópica para os desejos cansados de homens perdidos – *Lost* –, de pessoas que precisam se reinventar, um mundo de palavras para criarmos a nossa história? Para nos perdermos, mas também para nos reencontrarmos e nos recriarmos.

Voltemos à primeira epígrafe, às palavras do poeta Marx Ernst: “Se são as plumas que fazem a plumagem, não é a cola que faz a colagem”. A colagem, nesse sentido, são as diversas vozes que fazem parte de cada um de nós e que trazemos para a nossa leitura, não importa o lugar em que estamos. Emplumamo-nos, tecemo-nos com os textos de muitos outros eus, que, por sua vez, repetem e compartilham com seus leitores os nossos próprios textos. Mais do que nunca se fala em leitura ativa: nos inúmeros gêneros eletrônicos, o texto parece pedir ao leitor para ser interrogado, compartilhado, manipulado, reescrito, vivido. O entrecruzamento de momentos textuais com os vividos permite ampliar a noção de texto, cuja circunscrição alarga-se de modo a abranger mais do que a palavra escrita propriamente dita, adaptando a escrita à fala e a fala à escrita. Com a interação eletrônica, surge uma nova maneira de comunicação com o texto, uma *escrileitura*. Ao recortar, copiar, colar, o leitor torna-se também autor. Ler com a “tesoura” ao alcance das mãos (no teclado de um computador) é participar de uma

criação infinita e trazer para o labirinto do hipertexto – o novo modelo textual do texto além do texto – o prazer de desfigurar, transformar, recriar o texto. E mais, o prazer de se recriar, de se (re)escrever.

A figura do outro passou a ter papel preponderante nos textos virtuais. Presente no processo da escrita, o leitor (e o crítico), ao ler a vida do outro, escreve, lê e interpreta a sua própria vida. Desdobra-se, cria um personagem, passa a ser esse personagem e também seu autor e mesmo seu leitor. É uma espécie de ficção psicológica: a ficção da identidade do eu. Seguindo a concepção de que o outro se forma de nós mesmos, de que nós inventamos o outro, nós também somos inventados pelo outro, segundo o seu desejo. Ao fazer uma relação entre o desejo ilusório de ser um outro, a histeria e a mitomania, Jules de Gaultier (*apud* Palante, 1903), médico, psiquiatra e filósofo, criou, a partir do personagem epônimo do romance *Madame Bovary*, de Flaubert, o substantivo *bovarysme*, para nomear essa evasão no imaginário por insatisfação. O bovarismo é um aspecto da ficção psicológica fundamental: a ficção da identidade do eu. A tendência que o homem tem de se conceber outro do que ele realmente é. *Je est un autre* [“eu é um outro”] exclamou um dos poetas mais revoltados da literatura francesa. Se a alteridade atravessa nossos discursos, se nossa fala é impregnada da fala de outros, é porque, segundo Bakhtin (1984, p. 300), “nosso próprio pensamento [...] nasce e se forma em interação e em luta com o pensamento de outrem, o que não pode não encontrar seu reflexo nas formas de expressão verbal de nosso pensamento”. Em outro contexto, segundo uma teoria de Lacan, traduzida por outro psicanalista, seu discípulo, da qual nos apropriamos aqui (ladão que rouba ladrão...), cada um de nós acaba se tornando um personagem do romance que é sua própria vida. Assim como nosso pensamento, nossa fala, nossas palavras, o nosso estilo também está impregnado do estilo dos outros.

O que estou aqui propondo é que há ambientes na Internet que acolhem os autores e leitores dos textos como

personagens, como *personae*, poderia dizer mesmo como atores cuja voz é a palavra escrita, atuando em um palco virtual. Desses textos as pessoas conectadas participam (inter)ativamente. Ora, isso significa dizer que, na rede, estamos livres, livres para criar e criar enquanto lemos e escrevemos, e, ao mesmo tempo, participando da escritura, vivendo, existindo dentro dela. Um texto (que pode ser literário ou não) que se constrói como um fenômeno que mistura percepção, troca, interação associação, memória, experiência, criação e prazer. Significa dizer, também, que há possibilidades de escrita literária na *web* que se desligam da intenção de escrever um texto literário, mas que um romance, por exemplo (para citar um gênero que tem uma tradição mais antiga), pode surgir da reunião de conversas nos *chats*, de *posts* e troca de comentários em *blogs*, do compartilhamento de imagens e textos ou de depoimentos e de perfis nas redes sociais, de curtas mensagens como os *tweets* de 140 caracteres etc..

A rede coloca em xeque categorias e conceitos *tradicionais* (como o conceito de individualismo e o das relações de autoria e de poder). Dimensões básicas da vida (como tempo e espaço) são desconstruídas, e a interação local-regional-global expressa um mundo globalizado no qual, segundo Castells (1999, p. 51), “todos os processos se somam num só processo, em tempo real no planeta inteiro”.

Modificando o contato entre “a esfera da criação e a esfera da recepção”, diminuindo ou superando o intervalo temporal que distinguia nitidamente o momento de produção do autor e o momento da atividade do leitor, a Internet interfere na atividade de autores e leitores, na concepção do próprio texto e no conceito de “literário”. Altera, ainda, e às vezes suprime o papel dos agentes intermediários que tradicionalmente preparam e podem condicionar o encontro da obra com o público leitor (revisores, editores, críticos). Hoje, e com a Internet, ainda mais, a literatura acolhe outros textos em seu seio, diluindo as fronteiras do que se chamou de “literariedade”.

Hipertextualidade, espacialidade e temporalidade, direitos do autor, e interações com o autor, leitura na tela e produção escrita *on-line* são pontos importantes quando estudamos este espaço sempre em construção que é a *web*. A história da Internet mostra que a escrita está no centro da rede. Ela é um texto imenso, gigantesco, infinito. A Internet é um novo espaço literário ainda em construção. Ausência de fronteiras, fusão do oral e do escrito, convergência dos papéis de leitor, autor, crítico e editor, aceleração e simultaneidade, fragmentação e multilinearidade, virtualização do real e realização do virtual, assim se processa o ler e o escrever na era da Internet.¹⁹

Referências

- ALVES, Sonia Celia de Oliveira. Interação on-line e oralidade. In: MENEZES, Vera (Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. Les genres du discours. In: _____. *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, 1984.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. La mort de l'auteur. In: _____. *Le bruissement de la langue*. Paris: Seuil, 1984. p. 61-67.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v. 1 (*A sociedade em rede*).
- CHARTIER, Roger. *Lecteurs et lectures à l'âge de la textualité électronique* (2001). Colloque virtuel: Écrans et réseaux, vers une transformation du rapport à l'écrit? Disponível em: <http://www.text-e.org/conf/index.cfm?ConfText_ID=5>. Acesso em: 3 abr. 2006.
- _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

¹⁹ "Ler e escrever na era da Internet: virtualização do real ou realização do virtual" é o título da pesquisa de Lília Silvestre Chaves e Izabel Cristina Rodrigues Soares, Universidade Federal do Pará (UFPA).

- DIXNEUF, Samuel. *Littérature et Internet*. 2009. Disponível em: <<http://blogs.mediapart.fr/blog/samuel-dixneuf/220609/litterature-et-internet>>. Acesso em: 27 nov 2012.
- ECO, Umberto. *Da Internet a Gutenberg*. Conferência apresentada por Umberto Eco na The Italian Academy for Advanced Studies in America, em 12 de novembro de 1996. Tradução de João Bosco da Mota Alves. Disponível em: <<http://www.hf.ntnu.no/anv/Finnbo/tekster/Eco/Internet.htm>>. Acesso em: 29 maio 2012.
- FINKIELKRAUT, Alain. *Nous autres modernes: quatre leçons*. Paris: Ellipses, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce qu'un auteur? In: _____. *Dits et écrits, 1954-1988*. Paris: Gallimard, 1994. p. 789-821.
- LANDOW George P. *Hypertext 2.0. A convergência da crítica, da teoria e da tecnologia contemporâneas*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.
- LÉVY, Pierre. *Qu'est-ce que le virtuel? (ou Sur le chemin du virtuel)*, 1995. Disponível em: <<http://hypermedia.univ-paris8.fr/pierre/virtuel/virt0.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2012.
- MANGUEL, Alberto. *No bosque do espelho: Ensaios sobre as palavras e o mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- MC LUHAN, Marshall. *Pour comprendre les média*. Paris: Éditions H M H, Ltée, 1968.
- PALANTE, Jacques. Le bovarysme. In: _____. *Le Bovarysme: une moderne philosophie de l'illusion (1903)*. Disponível em: <http://perso.orange.fr/selene.star/bova_neuf.htm>. Acesso em: 6 dez. 2012.
- PIGLIA, Ricardo. *Una propuesta para el próximo milenio*. Disponível em: <<http://www.clarin.com.ar/diario/especiales/viva99/text5.html>>. Acesso em: 15 fev. 2002.
- PIMENTEL, Ludmila. *Calvino e o hipertexto (ou ainda: um exercício de hipertexto...)*. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/hipertexto/calvin.html>>. Acesso em: 20 maio 2006.
- SANTOS, Alckmar Luiz dos. Textualidade literária e hipertexto informatizado. In: Anais do V Encontro Nacional da ABRALIC. Disponível em: <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/hiper/textualidade.html>>. Acesso em: 23 dez. 2012.
- VUILLEMIN, Alain. *Poésie et informatique IV: bilan*. Centre d'études et de recherches sur les textes électroniques littéraires (C.E.R.T.E.L.), 2004. Disponível em: <<http://www.arts.uottawa.ca/astrolabe/articles/art0047.htm#15#15>>. Acesso em: 26 jun. 2006.